Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VI•nº256•Uberaba/MG•de 19 a 25 de agosto de 2003

Cuidando do futuro

Creche do Gameleira organiza esforços para abrigar as crianças da comunidade

págs. 6, 7, 8 e 9

Crianças acolhidas na Creche Comunitária Dona Marta Carneiro

issuu-downloader.com

Editorial

Jornalismo para o futuro

Esta edição surge com um tema recorrente, mas nem por isso destituído ou sequer reduzido em sua importância: a preocupação social com o futuro das crianças. Depois da reportagem sobre o Projeto Acolhida, apresentamos uma reportagem sobre a creche Dona Marta Carneiro, nascida do sonho benfeitor de longínquas e bondosas senhoras no fim da década de 70 e mantida até hoje pela determinação e esperança de muitas pessoas que acreditam no futuro, assim como outras que tiveram suas vidas tocadas pela história da creche. Iniciativas de solidariedade como esta atravessam o tempo e intempéries do mundo, algumas desaparecendo, outras remanescendo firmemente e outras buscando a sobrevivência no alto de sua fragilidade; mas todas elas são providas de coragem e esperança até beatíficas, reforçando a incessante e silenciosa luta por ideais e por um futuro melhor dentro da incerteza cínica do mundo em que vivemos. Esta creche é somente um exemplo bravo de uma realidade que duramente se agarra à vida para prover a nós, no futuro, incógnitos e indistintos, uma chance, que nasce lentamente com o acolher destes pequenos serzinhos que mal iniciam sua vida e estão deparando-se inconscientemente sob o olho de uma tormenta. Tendo como porto-seguro a proteção abnegada de pessoas como as que trabalham em sonhos como a creche e lutam por sua realização contínua na realidade, elas ganham a chance, mesmo que distante, de sobreviver às tempestades e reconstruir o mundo contínua e lentamente.

Aqui reitera-se nosso papel: mostrar os esforços em busca de um mundo melhor

Aqui reitera-se o nosso papel diante de iniciativas como esta: mostrar os esforços em busca de um mundo melhor e chamar pelas pessoas que juntem-se em uma poderosa (embora quase infame) corrente pelo futuro, espalhando e ajudando as pessoas que silenciosamente ajudam. O jornal, assim como as senhoras que idealizaram a creche, crê que a diferença pelo bem pode, sim, ser feita.

Curso de Turismo inaugura Agência Modelo

No evento serão sorteardos pacotes de viagem

Da redação

No dia 29 de agosto, às 20hs, será inaugurada, no anfiteatro da Biblioteca Central do Campus II, a Agência Modelo "Flytour", uma parceria com o Curso de Turismo da Uniube.

No evento serão sorteardos pacotes de turismo com 5 noites para Fortaleza, uma diária no Hotel Fenix, em Uberlândia (ambos com acompanhante) e duas diárias de aluguel de carro da empresa Localiza.

A agência já está em funcionamento durante o horário comercial e está localizada no Bloco I, ao lado do Multi-Atendimento, junto ao Laboratório do Curso de Turismo (LABOTUR).

A agência conta com diversos serviços, tais como agendamento e venda de passagens aéreas nacionais e internacionais, locação de veículos, hospedagem, cruzeiros marítimos, seguro viagem, assessoria na obtenção de passaportes e vistos consulares, além de assessoria em organização de congressos e eventos.

As inscrições para concorrer aos prêmios, deve ser feita no Labotur.

Crônica

Futebol erudito

reprodução

Fernando Machado
7º período de Jornalismo

Não sou saudosista, mas já começo a sentir falta do tempo em que os jogadores eram as estrelas do futebol. Hoje, os técnicos brilham mais do que os atletas. Até bem pouco tempo atrás, quando um time jogava bem ou mal, a responsabilidade era atribuída aos jogadores. Agora, os técnicos são considerados a essência dos times e, se na derrota são execrados, na vitória ficam com todo o mérito. Assim como ocorria com os atletas, suas contratações e transferências de um time para outro recebem cobertura total da imprensa. Quando um time faz um gol, ao invés das câmeras mostrarem o atleta que balançou a rede, mostram o técnico do time.

Quando um time faz um gol, ao invés das câmeras mostrarem o atleta que balançou a rede, mostram o técnico do time

De toda forma, técnico de futebol é uma profissão que vale a pena no Brasil. Além de não terem de correr atrás de bola nenhuma nem fazer exercícios físicos, ganham salários astronômicos, muitas vezes superiores ao dos jogadores. E a mídia, ao mostrar figuras como Wanderley Luxemburgo, vestindo ternos Armani e usando um breguíssimo relógio Rolex, lhes dá um verniz de elegância, de cultura, um ar sábio e aristocrático. Os técnicos assumiram poses de intelectuais, vêm na embalagem de gênios do esporte.Luís Felipe Scolari, por exemplo, um homem tosco daqueles, alavanca a venda de livros aparecendo em colunas de revistas do tipo "o que estou lendo". Fora as propagandas de refrigerantes e tudo mais, Felipão aparece em programas na rádio e na tv dando palpites sobre guerra, economia, dizendo que seu livro de cabeceira é "A arte da guerra" e blablablá.

Aliás, para ver um dos sinais de que as coisas andam malucas e os valores invertidos é só ligar a televisão e conferir quem são os formadores de opinião. Por incrível que pareça, o ar de sapiência dos técnicos não cai por terra quando, ao invés de aparecem na telinha preocupados com esquemas táticos, são filmados usando suas verdadeiras técnicas futebolísticas: xingar o juiz, brigar com jogadores ou rezar simplesmente. Pura técnica.

Quando algum jogador de futebol está fazendo até chover dentro de campo, raramente ele é convocado pelo técnico da seleção. Se o craque é convocado, apenas para que o técnico não seja massacrado pela opinião pública, ele fica no banco ou entra nos últimos cinco minutos. Isto se deve ao fato de parecer óbvio demais a convocação de um craque como Alex, do Cruzeiro, por exemplo. Carlos Alberto Parreira, atual técnico da seleção, disse que esse jogador espetacular "não se encaixa em seu esquema tático". Para ostentar seu "saber", ele precisa ter opinião diferente da popular. Os técnicos saem das universidades com modos civilizados e refinados, "cultos", não podem aceitar que práticas e visões "populares" pontilhem o seu trabalho.

A supervalorização dos técnicos de futebol, na verdade, é um dos retratos de que em nossa sociedade o trabalho manual é tomado como inferior ao trabalho "intelectual". A velha dissociação entre o "saber" e o "fazer", que mantém as classes sociais, justifica que uns tenham poder sobre o trabalho dos outros. Assim, o jogador é um operário; o técnico um pensador. Pior para o futebol, que depende mesmo é dos bons jogadores.

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Brges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Universidade

Instituto de Humanidades publica nova revista

Lançamento será no dia 20 de agosto, às 11h, no Hall do Bloco C do Campus II

Da redação

O próximo dia 20 de agosto, quarta-feira a partir das 10h30, o Instituto de Humanidades da Universidade de Uberaba realiza o lançamento do primeiro número da Revista *Fluxos*.

Trata-se de uma iniciativa que visa estimular a produção acadêmica dos docentes vinculados ao Instituto de Humanidades (IH), que abrange os cursos de Direito, Administração, Comunicação Social, Turismo e Serviço Social. Além disso, *Fluxos* é uma revista também jornalística que além de contar com seções como "Descobertas", dedicada a artigos científicos sobre questões das Ciências Humanas em geral; tem uma significativa porção jornalística que inclui entrevistas ping-pong, perfis, ensaios livres, reportagens literárias e notas sobre lançamentos de livros e documentários audiovisuais.

"Ousamos sintonizar esta revista com a tendência emergente da transdisciplinaridade"

Neste primeiro número que será lançado no evento "Sabores e saberes" que terá lugar no hall do bloco C do campus II da Uniube, destacam-se trabalhos como "Para gostar de sonhar" uma entrevista de perfil realizada pelo jornalista e escritor Sergio Vilas Boas com o escritor mineiro Antônio Barreto, "Pintando com novas cores: uma leitura de Las meninas" da professora Ormezinda Maria Ribeiro, "Uberaba no ar: histórias do rádio" do jornalista e prof. Adrián Padilla Fernández, "Entre-vista-encontro: busca permanente de outras vozes" do jornalista e prof. Raul Osorio Vargas, "Trilha" do jornalista Denis Russo Burgierman, "A pesquisa qualitativa e os buscadores do Ser intregral" do jornalista e prof. Edvaldo Pereira Lima e "Avaliação formativa: desafio para a educação superior" da profa. Patrícia Valéria Bierlet do Nascimento. Além disso, conta com a seção "Títulos" onde se registram resenhas de livros interessantes. Os idealizadores dos projeto gráfico e editorial da *Fluxos* quiseram reservar a capa da publicação como vitrine para os artistas plásticos locais e regionais. Nesta oportunidade o artista Helio Siqueira prestigia o primeiro número da revista do Instituto de Humanidades da Uniube, com sua tela "Paisagem Imaginária-Fogo" (Óleo sobre tela, 110 x 180 cm, 2003).

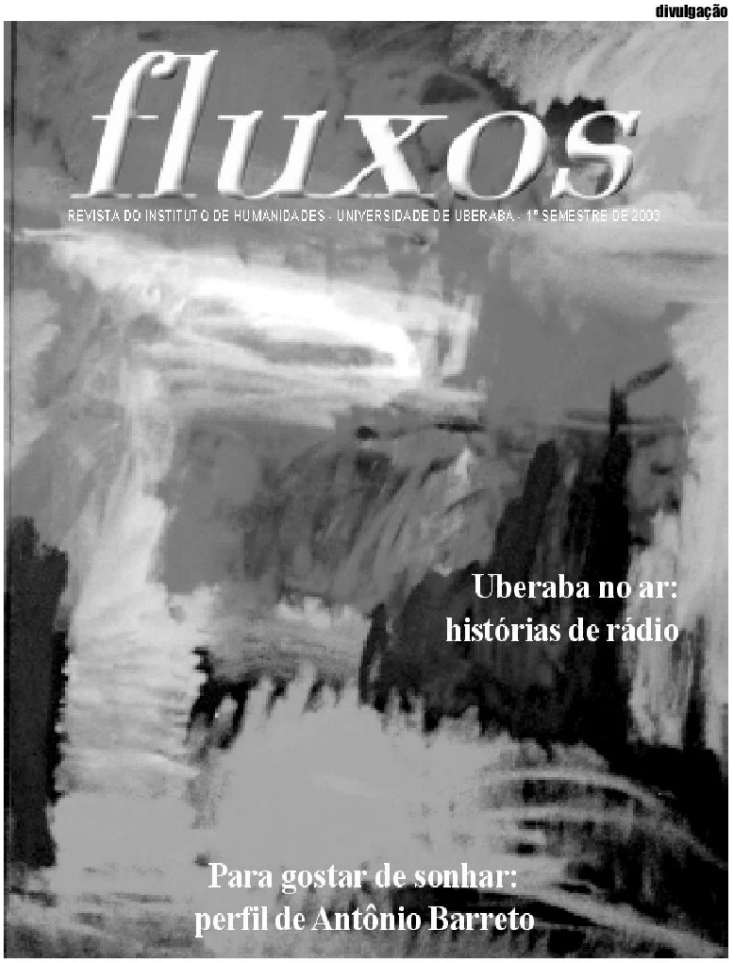
O enfoque desta publicação mostra-se no primeiro editorial quando afirmam que "ousamos sintonizar esta revista com a tendência emergente da transdisciplinaridade" o que se insere em um cenário de profunda revisão das bases epistemológicas pelo que passam as ciências na contemporaneidade.

Iniciativa visa estimular a produção acadêmica dos docentes vinculados ao Instituto de Humanidades

Os editores e toda a equipe envolvida com a revista *Fluxos*, ratificam que esta publicação está aberta a receber artigos de docentes das diferentes áreas das ciências humanas.

Lançamento - Café Literário
20/08/2003 – 11h
Hall do Bloco C
Campus II - Uniube

divulgação



Lançamento
O Instituto de Humanidades convida a comunidade acadêmica para o lançamento da
Revista Fluxos
20 de agosto - 11h
Hall do Bloco C
Campus II - Uniube
UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

issuu-downloader.com

Quadrinhos

“Eu mesmo” e “mim mesmo” detonam em encontro de fanzineiros

Os gêmeos André e Davi, estudantes de Publicidade, transformaram crise existencial em quadrinho japonês

Graziela Christina de Oliveira
1° ano de Jornalismo

Cavaleiros do Zodíaco, Yu Yu Hakusho, Saylor Moon, Dragon Ball Z, Pókemon, Digimon, Sakura Card Captor. Com certeza você já ouviu falar em algum destes desenhos e até deve ter visto algum pelo menos uma vez. São os desenhos japoneses, ou como são mais conhecidos, animes.

Os desenhos japoneses viraram uma febre nos últimos anos. No Brasil, as animações japonesas começaram a surgir no final da década de 60, como Kimba, o Leão Branco, de Tezuka, e o Grande Dínamo.

Nas aulas, os meninos passavam a maior parte do tempo desenhando na agenda. Não anotavam um trabalho; a agenda virou uma revista

Osamu Tezuka foi o grande criador dos animes e mangas (como são chamados os quadrinhos no Japão). Lá, ele é conhecido como o mestre dos mangas. A principal característica destes desenhos – os olhos enormes – foi baseado nos espetáculos em que ele assistia, onde os artistas faziam uma maquiagem que ressaltava os olhos. Osamu adorou esta idéia e, a partir dela, começou a fazer os primeiros traços que conhecemos hoje.

Nos anos 70, vieram as grandes produções como a série Speed Race. Na década seguinte, foi a vez de Pirata do Espaço e Dom Drácula.

Mas o sucesso mesmo veio nos anos 90 e os brasileiros entraram de cabeça no mundo da animação japonesa com suas histórias fantásticas cheias de heróis e aventuras.

“O fanzine tem tudo o que aconteceu com a gente e tudo o que esperamos que aconteça, mas de maneira surreal”

A paixão é tanta que muitos fazem dos desenhos um objetivo de vida. Isso pode ser válido para dois irmãos, fãs de desenhos japoneses (ou Otakus na linguagem nipônica. André Luís Araújo Alves e Antônio Davi Araújo Alves, estudantes do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Uberaba, vêem nestes desenhos o futuro profissional.

O interesse por histórias em quadrinhos começou cedo. Aos nove anos, André não perdia uma edição da Turma da Mônica. O criador da Mônica, do Cebolinha e de outros personagens, Maurício de Souza, serviu de inspiração, assim como o cartunista Ziraldo e o cartunista Angely. As revistas despertaram a vontade de aprender a desenhar para fazerem o próprio trabalho.

Nas aulas, os meninos passavam a maior parte do tempo desenhando na agenda. Não anotavam um trabalho; a agenda virou uma revista. Os colegas, curiosos, pediam para ver e, a partir, daí, eles começaram a fazer cada vez mais. “Meus colegas pediam para eu desenhar para eles e até me pagavam. Foi meu primeiro negócio”, conta Davi.

O primeiro fanzine se chamou “Poti e sua turma” e foi criado quando André tinha 11 anos para um trabalho escolar. Poti era um cachorro, uma homenagem ao cãozinho que eles tinham. O personagem vivia num mundo com outros cachorros que agiam como seres humanos; uma história bem humorada feita para crianças. No ano seguinte, surgiu o volume dois.

Na época da agenda recheada de desenhos, chegou ao Brasil, Os Cavaleiros do Zodíaco, que naquele tempo, era transmitido pela TV Manchete. Veio, então, a idéia de utilizar o Poti e os demais personagens para fazer uma sátira dos Cavaleiros que, na brincadeira, virou “Os Cachorreiros do Zodíaco”.

A sátira, regada com muito humor e altas risadas, renomeou até alguns golpes dos heróis. “Nos Cavaleiros do Zodíaco tinha o golpe ´O Cólera do Dragão` que, no nosso desenho, virou `A Coleira do Dragão`”, explica André.

Crise

Mas, com o tempo, os meninos começaram a se interessar por outros desenhos, como X-Men, Homem Aranha e Capitão América. “O tempo vai passando e você quer fazer algo mais sério, organizado e melhor trabalhado”, conta Davi.

A idéia era contar uma história e, a primeira que surgiu, foi a de sete anjos que fariam parte de uma aventura. Estes acabariam por encontrar o próprio desenhista deles, o que seria uma outra sátira. E no meio de tudo isso, apareceu então o famoso personagem EU MESMO, que seria o desenhista. Mas os garotos viram que esta idéia não era tão legal.

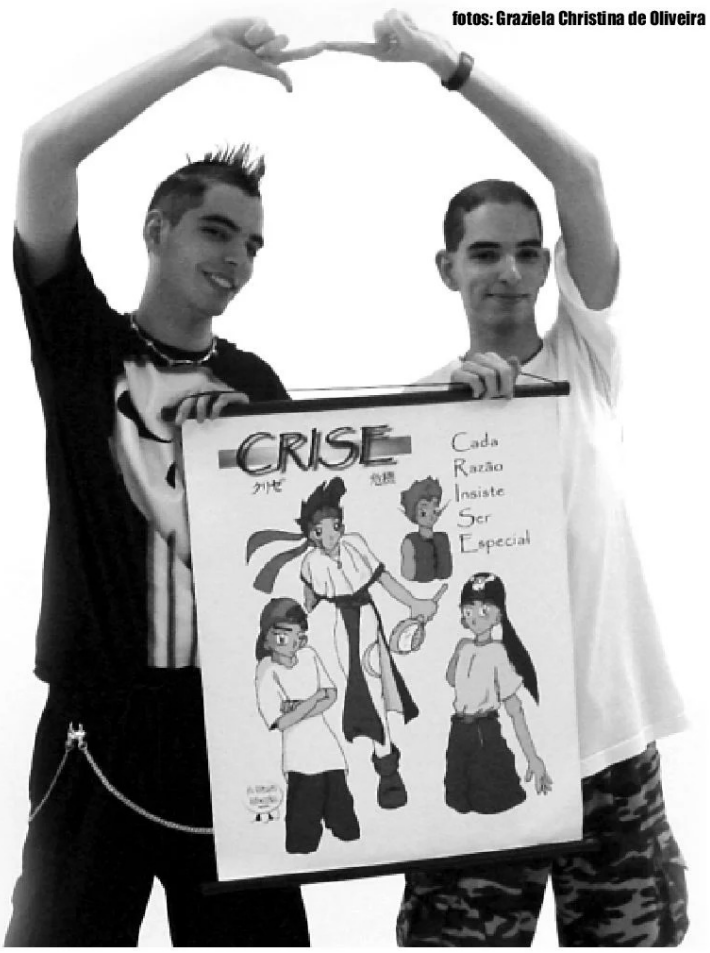
Mesmo não confiando nessa história, o personagem já existia e, como seu criador André mesmo disse, tratava-se de uma figura bastante egocêntrica.

Então Davi achou que se havia o EU MESMO, tinha que haver outro também. Daí nasceu mais um personagem, o irmão MIM MESMO, outro ser egocêntrico.

A história desses dois irmãos conta, na verdade, a vida de seus criadores. A maneira como foi documentada remete à forma que a Bíblia foi escrita: “...quase tudo é verdade, mas não aconteceu do jeito que está escrito”, explica o editorial do primeiro capítulo. “O fanzine tem tudo o que aconteceu com a gente e tudo o que esperamos que aconteça, mas de maneira surreal”, disse Davi.

E como irmãos, não poderia faltar uma boa dose de brigas. “Brigamos 25 horas por

fotos: Graziela Christina de Oliveira



issuu-downloader.com

dia, mas como amigos", revela André. Eles contam que, quando tinham 17 anos, uma crise de identidade se abateu sobre os dois. Como gêmeos, as pessoas os viam como uma única pessoa e isso contribuía para aumentar as brigas. Eles dizem, ainda, que brigavam na tentativa de se livrarem um do outro e assumirem a própria identidade. Mas no fundo, eles dizem que são amigos, só que não vão assumir isso publicamente.

Mas graças as "crises", veio o CRISE (Cada Razão Insiste Ser Especial), único nome possível para o fanzine. Além dos personagens principais, outros surgiram no decorrer da história. Como homenagem, o cachorrinho Poti também está na trama, mas, agora, vivendo um cão normal.

Em setembro do ano passado, surgiu o site dos garotos e, desde janeiro, as pessoas podiam ler CRISE na Internet. A primeira edição, Amor de Irmão, marca o início desta aventura que se passa no Planeta Mundo, cheia de anjos e demônios. Além destes, existem os k-çadores, que foram batizados em homenagem aos desenhistas preferidos dos meninos.

Com essas edições em mãos, os garotos foram participar do festival *Anime Friends*

A segunda edição, Irmãos de Amor, continua a saga destes personagens. O terceiro capítulo, também já está pronto: Embroméichoam Uam: Morrer não é lá essas coisas.

ANIMES

Com essas edições em mãos, os garotos foram participar de um festival de animação japonesa que reúne os amantes de animes e mangas, o ANIME FRIENDS. Criado em 2002 pelo empresário Takashi Tikasawa e amigos que também curtiam este trabalho, o evento traz também outras atividades, como palestras, workshops e concursos.

Quem quiser, pode ir fantasiado de seu personagem favorito e participar do concurso Costplayer que escolhe a melhor fantasia e a melhor interpretação. Há, ainda, a Arena Medieval, uma espécie de jogo onde essas pessoas fantasiadas, geralmente de heróis, vão lutar entre si. O vencedor ganha um prêmio, como, por exemplo, um DVD. E durante todo o evento você ouve músicas em japonês – as trilhas sonoras dos desenhos - e, se estiver a fim, pode até encarar um karaokê (em japonês é claro!) Já para os que preferem apenas ouvir, o evento traz, até, artistas internacionais, diretos do Japão, para cantaram as músicas desses desenhos animados.

E esse ANIME faz tanto sucesso que vem gente de todo lugar para participar, seja para mostrar o seu trabalho, ou, simplesmente, para conhecer. "Tem gente que vem do Acre, do Rio Grande do Norte e até da Austrália", conta Davi.

Neste ano, o ANIME FRIENDS foi realizado entre os dias três e seis de julho no colégio Madre Cabrimi em São Paulo. André e Davi prepararam tudo e viajaram por conta própria. Eles levaram 100 edições do fanzine:50 do primeiro, 25 do segundo e outros 25 do terceiro. Fizeram tanto sucesso que venderam todos os exemplares e tiveram que encomendar mais.

Fizeram também um CD-ROM do trabalho que, além das três edições, incluía duas músicas. A primeira, intitulada "O Mundo em Crise", foi feita pela banda 300ml, amigos dos dois. Essa seria a música de abertura. A outra, "Electral Crise", tema de batalha, foi escrita pelos gêmeos. Para incrementar ainda mais o CD, eles colocaram vários desenhos e até um making of da gravação da banda. Eles levaram dez CDs e venderam todos.

Para fazer o fanzine, os meninos gastaram R$2,50 em cada volume e venderam por R$3,00. Já o CD, foi comercializado a R$8,00. De presente, eles mandaram fazer 150 adesivos que também se esgotaram rapidamente.

Depois de apresentada a história de CRISE, o pessoal que estava lá gostou tanto da idéia que resolveu fazer um fã-clube, o segundo dos meninos. O primeiro, foi criado em Campinas, pelos fãs que já acompanhavam as aventuras dos irmãos MESMOS pela Internet.

O trabalho é dividido entre os irmãos. André é quem faz o roteiro do fanzine, os desenhos e a diagramação. Já Davi, é o responsável pela divulgação. É ele quem cuida do site, do marketing, da apresentação, dos contatos e do setor financeiro.

A edição número quatro de CRISE vai sair ainda este mês. Os fãs já estão cobrando o novo capítulo, já que, o anterior, terminou deixando um suspense no ar. Mas quem quiser adquirir a próxima aventura, vai ter que comprar pela Internet ou esperar mais um evento de desenhos japoneses. Os garotos vão participar do FanMixCom, em Campinas, nos dias 14 e 15 de setembro onde vão lançar o novo episódio. Para isso, eles pretendem conseguir um patrocínio, quem sabe, até da própria Universidade, organizando uma caravana com os alunos.

Fizeram tanto sucesso que venderam todos os exemplares e tiveram que encomendar mais

Idéias

Novas idéias estão surgindo para o novo evento. Os meninos querem fazer um relógio para sortear entre os fãs, camisetas para venderem, panfletos, chaveiros e mais adesivos para que todos possam ter o seu.

Além disso, a história vai sofrer algumas mudanças. É que, na verdade, toda essa aventura será dividida em três. A primeira parte é o CRISE que já está circulando e conta a história de dois irmãos que vão procurar os k-çadores, as missões destes e todo o princípio da história. Na segunda parte, os protagonistas serão os k-çadores, além de contarem o antepassado dos irmãos MESMOS até o nascimento deles, onde a série passa a se chamar CAOS. Por último, com outro nome – CONFLITOS - a trama vai falar do futuro tendo, como ersonagens principais, as filhas dos famosos irmãos. Para não fugir à criatividade, os nomes delas serão TU MESMA e VÓS MESMA.

Os meninos lembram que CRISE não é uma leitura para crianças. "Existem cenas chocantes e temas que elas podem não entender", explica Davi. O fanzine também não é recomendado par pessoas muito religiosas. "Nós deixamos explicitamente nossas idéias sobre Deus e inferno. Mas acreditamos em ambos", relata André.

Fliperama, video-game e rock'n'roll

Gêmeos fazem planos e sonham em adaptar mangá em longa-metragem

André e Davi nasceram em Natal e se mudaram aos sete anos para Brasília. De lá, foram para Patos de Minas e, depois, vieram para Uberaba cursar a faculdade. Já estão aqui há quatro anos e dizem gostar muito da cidade.

"Quero ir para o Japão, lançar o fanzine todos os meses nas bancas e estourar de sucesso"

Quando acabarem o curso, pretendem ir para São Paulo e montar a própria editora, transformando CRISE em mangá. André já sonha mais alto: "Quero ir para o Japão, lançar o fanzine todos os meses nas bancas e estourar de sucesso. Depois, fazer do manga um anime e vender bonequinhos do EU MESMO e MIM MESMO". "E fazer cinema, um longa metragem", completa Davi.

Além de histórias em quadrinhos, os garotos também gostam de videogame, fliperama e, claro, desenhos animados.

E mesmo fazendo o que gostam, eles sabem que divulgar o trabalho não é tarefa fácil. Ás vezes, falta apoio, muita gente não conhece e isso dificulta.

Os irmãos lembram que alguns professores deram apoio porque conheciam o trabalho deles, já que, eles sempre faziam os desenhos durante as aulas e, por causa disso, eles diziam que os garotos tinham obrigação de fazer sucesso.

Mas nem sempre foi assim. Algumas pessoas criticavam o trabalho, principalmente porque os desenhos eram feitos a mão. " As pessoas riam de mim e diziam que no futuro, tudo seria feito no computador. Mas eu não acreditava", disse André.

Mesmo com todos os recursos, o computador serve apenas para auxiliar o trabalho, colocando cores e ajudando na edição. Não tem como desenhar nele. "A magia do desenho está justamente no lápis", finaliza Davi.

issuu-downloader.com

Cidadania

O amor que sustenta a vida

Por vinte anos, o amor abnegado de mulheres "anônimas" promove a vida e desperta valores nas novas gerações de 23 bairros uberabenses

Alécio Freire
6º período de Jornalismo

Assim como o autor de "*Agora é que são elas*", Ricardo Linhares, se inspirou no associativismo das mulheres costureiras da cidade de Formiga, sul de Minas Gerais, para gravar a recente novela em exibição na Rede Globo, assim também, nos idos de 1978, um grupo de senhoras das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), do alto de uma das Sete Colinas de Uberaba, inspiradas nos encontros das Novenas de Natal, perceberam a carência de sua gente e, fortalecidas pela força da fé, conclamaram a todos do bairro Gameleira para lutar por três importantes benefícios: uma escola, um posto de saúde e uma creche comunitária.

Julgaram que os dois primeiros seriam de responsabilidade do município, mas a creche, não. Essa, elas queriam construir e gerenciar.

A idéia partiu da senhora Marta Carneiro. E o sonho começou a ser gestado por ela e outras "mulheres apaixonadas" pelas novas gerações. Hoje, a creche tem nome, olhos castanhos, pretos, azuis vívidos, verdes de esperança, com endereço e sede na rua Agenor Alves da Silva, 71 , ao lado esquerdo da Igreja Matriz de São José Operário, na praça Pio XII.

Nas manhãs ensolaradas, algumas turmas sentam-se na grama à sombra das gameleiras para ouvir as estorinhas de suas "tias" ou caminham em fila indiana, de mãos dadas, pelas calçadas, tomando um pouco de vitamina D que o bom sol de verão dos trópicos nos oferece gratuitamente.

Alécio Freire

Maria Auxiliadora, a primeira professora na creche, conta hoje com vinte anos de atuação

Depois da morte de sua idealizadora, em 1983, por sugestão do educador e entusiasta

Alécio Freire

Já no portão de entrada, as crianças são conduzidas para o café da manhã

arquivo da creche

A movimentação das sete às sete e meia da manhã é

páraco, padre Eddie Bernardes, a creche passou a ser denominada ***Creche Comunitária Dona Marta Carneiro***, vinculada ao Centro Comunitário Materno Infantil São José Operário, numa justa homenagem a essa mulher. Antes, a instituição era conhecida como Creche de São José.

Essas pioneiras mulheres, por intuição, instinto materno e acumulada experiência de vida, demonstraram saber que se tivessem uma creche para os seus filhos e os das outras companheiras, teriam a certeza da comida, da educação e da tranqüilidade para poderem trabalhar. Pois assim enunciou uma mãe: "Se tem creche, vai ter o que comer". Tinham, no entanto, diante de si, os inúmeros desafios pelos quais teriam de passar. Mas com amor e garra partiram para a luta com um só desejo: promover a vida, cuidando e educando as crianças da comunidade.

Uma expressiva verba de um doador de Araxá serviu para o início das obras

Os primeiros passos

Conhecedoras das reais necessidades das famílias do Gameleira e adjacências, foram buscar as primeiras crianças nos barracos do bairro. Maria Auxiliadora das Neves Silva, a primeira professora, com vinte anos de atuação na creche, recorda que foram 30 crianças, com idade de dois anos e meio a sete, as primeiras a chegar. Todas ficavam misturadas numa única turma, mas foram educadas.

Com satisfação, Maria Auxiliadora lembra que a caçulinha da primeira turma, Fabiane Guissone, 23 anos, filha de Vera Lúcia Martim Guissone, atual coordenadora da creche, está cursando Psicologia na Universidade de Uberaba. E a mãe orgulha-se de contar que até o ano passado Fabiane trabalhava na creche. "Foram sete anos de dedicação às outras crianças que, como ela, no passado, precisam desta casa e de nosso amor", relembra com emoção estampada nos olhos.

Auxiliadora - nome bastante sugestivo para a missão de educadora - recorda-se: "Nossos primeiros encontros eram feitos na igreja de São José, que estava em chão batido, ou na casa paroquial, e o lanche era feito no posto de saúde da comunidade, conhecido como postinho da São José". Assim foi o começo das primeiras atividades pedagógicas. "Foram os nossos primeiros passos"...

Mutirão

Sob a liderança das irmãs Dominicanas Anita (Eurides) Rocha e Terezinha Prado de Azevedo, o povo - que faz questão de mencionar as freiras - recebeu do então arcebispo Dom Benedito de Ulhôa Vieira o terreno, em nome da Arquidiocese de Uberaba, para começar a construção.

O terreno cedido fora uma doação da Prefeitura para a Arquidiocese, mediante pedido do vereador José Rezende, que todos os domingos rezava com um grupo de senhores debaixo da gameleira, árvore que deu nome ao bairro.

Uma expressiva verba que padre Ângelo Pozzani, então páraco da Abadia, ganhara de um doador de Araxá, serviu para o início das obras: "mãos na massa"... Tudo foi feito em mutirão.

As freiras contam que o povo começou então a construir o primeiro pavilhão da creche que consta de dois andares.

Foram 8 mil tijolos tirados de construções antigas demolidas na cidade que as religiosas ganharam e que os homens da comunidade buscaram e assentaram, levantando, assim, as paredes da creche.

O prédio está rebocado. Todas as paredes

issuu-downloader.com

é intensa

Alécio Freire

Vera Lúcia Martins Guissone,atual coordenadora da creche, também está com 15 anos de casa

Alécio Freire

A imagem francesa de S. José e a foto de D. Marta Carneiro, ao fundo

internas têm um barrado de cimento queimado na cor verde com 1,50 cm de altura, exceto na copa e na cozinha. Os vitrôs e as portas estão com os vidros intactos, desfazendo o mito de que criança gosta de quebrar os vidros das janelas. O telhado em estilo chalé, em dois panos, deixa aparentes as telhas de amianto, que jogam as águas das chuvas numa calçada que recorta o entorno do prédio, sem contudo deixar as pretas marcas do bolor. Esse pavilhão está à direita de quem chega na creche. O projeto arquitetônico foi doado pelo arquiteto uberabense Luiz Canassa Arduini.

Com um gesto largo e um sorriso de contentamento, irmã Anita aponta para o prédio com a mão esquerda e diz: "Tudo aqui tem uma história"...

"Tudo aqui na creche tem uma história"...

E tem mesmo, pois os últimos tijolos de que precisavam para fazer as escadas que dão acesso ao segundo andar foram doados pelo senhor José Soares de Azevedo, pai da irmã Terezinha. Os azulejos que recobrem as paredes da copa e da pequena e quente cozinha foram limpos e selecionados por cor e tamanho, noites adentro, pelas irmãs, para depois serem assentados em duplas fileiras, dando, assim, um toque feminino de beleza e ornamento no espaço onde, por horas a fio, muitas cozinheiras estão cuidando com esmero, num constante vai-e-vem, da arte de transformar e multiplicar os alimentos para nutrir as crianças, que se alternam em três turmas cotidianamente.

Dona Macionilha Pereira da Silva, uma mulata simpática, de lenços brancos na cabeça, com uma pequena toalha jogada no ombro esquerdo, pára um pouquinho e limpa o suor do rosto, pois a pequena cozinha está muito quente por causa do vapor das inúmeras chamas acesas dos fogões, e enquanto coa numa peneirinha um caldo que mais parece óleo quente, passa o segredo da multiplicação: "Aqui, aproveita-se tudo. Os ossos dos frangos, tirados da carne para fazer a galinhada de hoje, eu fervo bem e aí, com esse caldo, faço o creme de milho. Economizo o caldo de galinha". E, sorridente, conclui as poucas palavras: "A criançada raspa as panelas". Fica então a lição de economia.

Irmã Anita faz questão de dizer que se os prédios ainda encontram-se inacabados, ou seja, apenas com reboco e sem pintura, é porque não sobram recursos financeiros, pelo contrário, há sempre insuficiência deles. "Não podemos tirar da boca das crianças para embelezar as paredes. As crianças nos são mais belas. Mas, quem sabe, um dia, apareça alguém e nos doe as tintas e a mão-de-obra e aí tudo vai ficar mais bonito!", continua, sonhando e esperando, essa religiosa de têmpora firme, "briguenta mesmo", como costuma se autodefinir, mas capaz de abaixar-se no colchonete do berçário para brincar com o Rafael Oliveira Gomes, de 10 meses, e de tomar nos braços a pequenina Laura Caroline, de 8 meses, que chora por seus afagos e mimos.

A estrutura interna

Antes de chegar no andar térreo, caminha-se por um estreito passeio de broquetes, onde a grama - que ainda não estava aparada – roça as pernas, e aí adentra-se no prédio.

No escritório, há duas pequenas salas, depois um banheiro social, um estreito corredor em L invertido, que dá para a copa e a cozinha, e da despensa, para uma pequena lavanderia, onde são preparadas as frutas e legumes.

Da despensa entra-se para dois outros pequenos cômodos e para a antiga mecanografia, onde a psicóloga Cleide Rosa Prado de Azevedo Modesto presta atendimentos.

Voltando ao corredor, chega-se aos banheiros femininos e masculinos em que as crianças são acompanhadas pelas professoras em suas higienes – "sempre há uma funcionária dando banho nos pequeninos", confirma a coordenadora da creche.

"Não podemos tirar da boca das crianças para embelezar as paredes"

Depois, um pouco à frente, estão os bebedouros no hall da entrada, onde se vê uma bonita imagem francesa de São José e a foto de Dona Marta Carneiro, em preto e branco, e mais duas amplas salas de aula, bem como a sala de enfermagem e a do atendimento médico. Por mais de 10 anos, Neuza Aparecida Lança cuida das crianças, ora fazendo inalação, ora curando um pequeno esfolamento, enquanto o médico Marcelo Paiva, há dois anos, procura zelar pela prevenção da saúde das crianças. Estes profissionais são custeados pela Prefeitura Municipal.

segue ➡

Alécio Freire

Laura Caroline, de 8 meses, é um dos xodós de irmã Anita

Alécio Freire

Berçário da creche dá tranquilidade às crianças e às mães que precisam trabalhar

issuu-downloader.com

Subindo as escadas, com floreiras nos parapeitos para proteger e ornamentar, depara-se com um grande salão, onde as crianças realizam suas atividades de recreação, e, em seguida, ultrapassando uma larga porta de vidro, encontram-se mais três salas de aula à direita, um banheiro no fim do corredor e mais duas pequenas salas de aula à esquerda. Esse é o segundo andar.

Quando começaram a usufruir das dependências do novo prédio, já eram 70 crianças matriculadas na creche.

Hoje, como são mais de 400 só na creche, foi preciso construir um segundo pavilhão, também de dois andares. As verbas vieram de convênios com o auxílio do deputado estadual Adelmo Carneiro Leão e de parentes franceses das Irmãs Dominicanas. O prédio também encontra-se apenas rebocado; está inacabado. Fica ao lado esquerdo de quem entra no pátio gramado da creche. Neste local, no andar térreo, estão as duas salas do berçário, o fraldário, uma pequena cozinha e seis salas de aula das crianças que fazem o maternal 1, 2 e 3.

Entre os dois prédios está a lavanderia, com uma espécie de varanda contígua, repartida com aglomerado, que serve de refeitório para os lanches e as refeições das crianças. À frente, paralelas ao alambrado que separa os dois pátios, as crianças, as professoras, as mães e as visitas descansam à sombra da magnífica acácia japonesa. Essa árvore, de flores rosas, na primavera, emoldura o cenário da creche.

fotos: Alécio Freire

No almoço, sempre tem arroz, feijão, refogados como farrofa de taioba, polenta. Toda semana, macarronada, galinhada, purê, e carne com batata, com cenoura, com chuchu

Quando começaram a usufruir das dependências do novo prédio, já eram 70 crianças matriculadas na creche

As crianças

Qual bando de andorinhas que buscam um repouso seguro nos galhos das sibipirunas da praça da Exposição Agropecuária de Uberaba, nas tardes de verão, assim as crianças, nas primeiras horas do amanhecer, encaminham-se com suas mães, responsáveis, avós ou tias para a extensão de seus lares, trazidas ao colo, em bicicletas, motos, carros e até em carroças. São elas a razão de ser desta creche, pontua a irmã Terezinha, essa mulher de poucas, porém certas palavras.

A movimentação das sete da manhã até às sete e meia é intensa. O multicolorido das simples roupas pintam, na praça Pio XII, um quadro em estilo impressionista, que rapidamente se desfaz qual bola de sabão.

As mães caminham rápidas, não manifestam nenhum ar de inquietude, mas, aos poucos, entre uma e outra esquina, vão partindo para os locais de serviço. "Essas são as que saem de casa pra trabalhar", comentam as mulheres ali na praça. São, na maioria, empregadas domésticas, babás, lavadeiras, passadeiras, faxineiras que trabalham nas casas da quase extinta "classe média". Outras não têm a mesma sorte, estão desempregadas. Foi por causa dessa situação social, o desemprego sempre crescente, que a diretoria da creche teve de rever os critérios de admissão das crianças de uns anos para cá. Antes, só aceitavam as crianças de mães que estivessem trabalhando e pudessem dar uma módica e simbólica colaboração. Agora, sabem que os filhos das desempregadas devem receber uma atenção especial. Devotam-lhes, de fato, um amor de predileção. Mesmo assim, a creche está com uma "demanda reprimida de 25 vagas", segundo estimativas da irmã Terezinha Azevedo.

Todas as turmas seguem rigoroso plano de atividades pedagógicas compatíveis com cada idade

As crianças não choram, pois já no portão de entrada, como os galhos que acolhem as andorinhas, outros braços as recebem e, aos beijos, com muito mimo, são conduzidas para o café da manhã. Sentem que ali terão o carinho em doses maternais, propiciando-lhes crescer em idade e na vida.

As crianças são conduzidas por suas respectivas professoras para as salas de aula quando, por um bate-papo, as "tias" ouvem atentamente o relato de como foi o fim de tarde e a noite de cada uma das crianças nas suas famílias.

É nesse momento, segundo testemunharam as professoras, que se sente o eco dos problemas que as famílias enfrentam: separação, drogas, alcoolismo, maus-tratos, desrespeito, más condições de higiene, etc. A creche mais se parece com uma caixa de retorno. No entanto, cada criança, com muita atenção, recebe a devida orientação como bálsamo para curar a ferida de seu pequenino coração, machucado por vezes pelo que ouviu e presenciou.

As salas de aula

São quinze. Uma para o berçário, onde estão "as coisinhas mais fofas": com 15 crianças de um mês a um ano de idade; outra para o maternal 1, em que estão 15 crianças na idade de um ano a um ano e meio; uma outra para o maternal 2, também com 15, mas na idade de um ano e meio a dois de idade; mais duas para o maternal 3, com 30 crianças em cada sala na idade de dois anos; mais duas salas para os do Jardim, sendo que em cada uma estão 50 crianças de três anos em média. Seis outras salas se subdividem em duas para cada turma dos Prés 1,2 e 3, cujas classes têm 50 crianças nas idades de quatro, cinco e seis anos, respectivamente.

Os "escolares"- as crianças de sete a 10 anos -, como assim são denominados, ocupam duas salas na parte da manhã, em turmas de 27 a 28 alunos, pois à tarde freqüentam a Escola Estadual Felício de Paiva, na rua Timbiras, número 1006, aquela que as pioneiras senhoras sonharam ter na comunidade "para dar a instrução" para os seus filhos.

Todas as turmas seguem rigoroso plano de atividades pedagógicas compatíveis com cada idade, menciona a coordenadora pedagógica. Tudo funciona como um relógio.

O ambiente de cada sala é simples, mas a limpeza salta aos olhos de um atento observador. O cheiro de pinho ou da essência de eucalipto inunda o ar, pois as quatro funcionárias sempre estão de vassouras, baldes e panos a punho limpando, ao menor sinal de sujeira. Esse ritual de asseio é intenso. Enquanto as crianças almoçam, as salas já estão sendo arrumadas para o "soninho" da tarde, com os colchonetes enfileirados no chão, prontos para receber os mais lindos "sonhos infantis", que muitos certamente gostariam de contemplar .

O vento, como brisa suave e mansa, espalha-se por sobre "os anjinhos" e toda a sala enche-se de um agradável cheiro: é o perfume do amaciante que exala dos pequeninos lençóis. Enquanto isso, pode-se ouvir o cantarolar da professora que, como uma fada madrinha, sussurra em direção aos infantis ouvidos: "Oh, meu bom Jesus, que a todos conduz, olhai as crianças do nosso país. Criança feliz..."

As refeições

São três: café da manhã, almoço e lanche da tarde. "O cardápio é feito todo dia. Nunca faço na véspera, porque não sei o que vou ter amanhã", comenta a coordenadora da creche, Vera Guissone.

Coordenadora ainda não conseguiu verba para pintar a fachada da creche

issuu-downloader.com

No café da manhã servem-se leite com achocolatado, pão com manteiga, bolo, bolacha, mingau de fubá e chá.

No almoço, sempre tem arroz, feijão, refogados como farrofa de taioba, polenta - toda semana, macarronada, galinhada, purê, e carne com batata, com cenoura, com chuchu. "Carne tem todos os dias, graças a Deus e aos benfeitores". Usa-se a multimistura para enriquecer o valor nutricional, calórico e protéico das alimentações.

"O cardápio é feito todo dia. Nunca faço na véspera, porque não sei o que vou ter amanhã"

No lanche da tarde, quando tem, serve-se uma fruta de época: banana, mexerica, laranja, abacate e outras. Mas nunca falta o arroz-doce, a canjicada com amendoim ou soja, bolo e pipoca com suco natural. Isso é o comum de todos os dias.

Às sextas-feiras, uma sopa especial é servida para todos. Com isso, aproveitam-se folhas e legumes. "Que delícia de sopa!", comenta o garoto Mayron Eduardo Targino, 6 anos, do Pré III.

Especialmente, todas as últimas quintas-feiras, os funcionários da creche doam um "lanche diferente" para comemorar os aniversariantes do mês, das crianças e dos colegas. Então comem-se rosca, pão caseiro com recheio de patê, bolo com cobertura e toma-se suco natural ou, às vezes, refrigerante.

Gradativamente, alguns empresários tomam consciência do papel social de suas empresas

Convênios e benfeitores

Seriam necessários R$60/mês para manter cada criança na creche. As coordenadoras recebem, no entanto, mediante convênios com a Prefeitura Municipal, com o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente e com o Conselho Nacional de Assistência Social, a quantia de R$17,02/mês para cada criança. Esses subsídios são insuficientes para manter a creche. Dos 42 funcionários de que dispõe a creche, 27 são pagos por doações de benfeitores, os outros são cedidos pelas secretarias municipais de Trabalho e Assistência Social, de Educação e de Saúde.

Dezesseis mil reais/mês seriam necessários para cobrir as despesas com manutenção, folha de pagamento dos funcionários e professores e adquirir algum material didático ou até mesmo utensílios domésticos. Mas para esse orçamento mensal a creche dispõe, atualmente, de apenas 50%, ou seja, da metade do previsto: R$ 8 mil. E o restante? Parte sai da pequena rede solidária de empresários benfeitores da creche, de extrema valia para as crianças. Ademais, para tudo o que falta, as irmãs e as funcinárias confiam na Providência Divina, que não se cansa de manifestar na creche e na vida das pessoas que ali trabalham ou que se devotam à causa.

Rede solidária de empresários

Gradativamente, alguns empresários vão tomando consciência do papel social que suas respectivas empresas têm perante a comunidade e passam, assim, a implantar o princípio da responsabilidade social, porque "gostam muito de ajudar as crianças e as pessoas idosas". Mesmo até sem combinarem entre eles, imersos no anonimato, por isso pouco conhecidos e divulgados, estão colaborando com as instituições filantrópicas. Fazem a sua parte.

É o caso de Marcelo Pedro Detoni, 43 anos, do Grupo Detoni, que há mais de 4 anos distribui para creches – e entre estas está a de Marta Carneiro, asilos e centros espíritas - de 3 mil a 3 e quinhentos quilos de arroz e 500 de feijão/mês. Detoni sabe que "a fome é insuportável" e, por isso, tenta fazer a sua parte, colaborando sobretudo com as crianças e as pessoas idosas. Como empresário, faz as contas: "São 35 mil reais que o nosso grupo distribui por ano".

16 mil reais por mês seriam necessários para cobrir as despesas

O mesmo faz João Filho, da Layff Komestic - Skala, doando 40 litros de leite diariamente para a creche, além da compra mensal que, depois de listados os gêneros de maior necessidade, é entregue na portaria.

Nessa esteira da generosidade está o casal proprietário do Varejão Maeda. Por mais de 2 anos, eles oferecem semanalmente 4 a 5 caixas de verduras e legumes variados. "E, às vezes, vai também alguma fruta", como informa dona Maria Maeda, esposa do comerciante Wilson Maeda.

Naturalmente, parecem cair diante dos nossos olhos como numa flâmula os seguintes dizeres do Divino Mestre: "Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso (dar de comer, beber, vestir...) a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram."

E os que nada fazem?

Garoto ajuda a fechar o portão de sua creche

issuu-downloader.com

Crítica

Inseto bom é inseto morto?

Filmes revelam modo de ver o mundo de uma sociedade

Luis Felipe Silva
4º período de Jornalismo

fotos: divulgação

Durante toda sua existência o homem tem criado diferentes maneiras de expressar seus sentimentos, expor seus ideais e utopias. Diversas expressões artísticas foram criadas, várias tendências surgiram, e a arte se estruturou. Com o cinema não foi diferente, seguindo modelos pré-estabelecidos, os filmes podem nos revelar bastante sobre a sociedade que o produziu, revelando como a mesma pensa e age, quais são seus sonhos e também contradições com a realidade.

O filme Tropas Estelares, de Paul Verhoeven, segue a estrutura típica dos filmes norte americanos de guerra: existe o bem e o mal, o soldado herói e sua amada, o comandante que exige o máximo de seus homens pois apenas a vitória poderá restabelecer a ordem destruída pelo mal. A história do filme se passa em um futuro "não muito distante" como o próprio filme sugere, onde a globalização alcançou um nível tão avançado que não existem mais fronteiras, todo a sociedade vive a mercê das regras de um único estado: A Federação, que nada mais é do que uma versão global dos EUA, com toda a sociedade vivendo a "american way of life". Isto fica claro ao percebermos que os protagonistas da história são de Buenos Aires, mas só podemos perceber isso quando o nome da cidade é mencionado, já que os personagens não são latinos e não vivem como o povo latino, mas como legítimos norte americanos. Nesta sociedade apenas aqueles que se alistam no exército são considerados cidadãos (a ideologia do dever de proteger a pátria).

Para esta sociedade perfeita, que já ultrapassa os limites da galáxia (a utopia da conquista do espaço), só existe uma ameaça: uma raça de monstruosos insetos gigantes, que podem viajar através do espaço e querem se estabelecer como a raça dominante. Os insetos assumem o papel de "mal" no filme, e se enquadram perfeitamente no modelo norte americano de mal: são irracionais, querem tomar o que foi conquistado, são de uma raça inferior, e seus líderes, os únicos capazes de pensar são verdadeiros gênios do mal, e devem ser capturados a qualquer custo. Veja como é perfeitamente possível substituir os insetos por soviéticos, árabes, latinos, etc.

Os personagens principais são: Johnny Rico, jovem que está confuso entre a carreira militar ou a acadêmica. Deixa que seu sentimento por Carmem e a vontade de se sentir independente dos pais pesarem na decisão, optando pela segunda, ao ingressar na Infantaria anseia assumir um pelotão e subir de posto para impressionar sua amada; Carmem Ibanez, namorada de Rico que quer se realizar como piloto da frota, Este desejo de ser bem sucedida na carreira faz com que ela interrompa o namoro com Rico (Ser bem sucedida é mais importante do que amar); Flores, apaixonada por Rico faz de tudo para provar que é como ele. Supera todas as dificuldades para isso. Também é um exemplo perfeito do poder feminino, pois está sempre em condição de igualdade com os outros soldados; Professor / Comandante, o mentor de Rico, aquele em que ele se inspira. Veterano de guerra, incentiva aqueles que querem ser verdadeiros cidadãos a se alistarem. Como comandante assume uma linha de conduta dura, submete a tropa a todos os tipos de provação, aquele que não suportar não estará apto a se tornar um cidadão; Denner, rival de Rico é apaixonado por Ibanez. Se acha superior o Rico pela patente mais elevada, porém sempre é derrotado quando se confrontam. Não suporta o fato de Carmem amar Rico, e para ficar próximo à amada usa a influência de sua patente para isto; pais de Rico, não aceitam que o filho se aliste apenas para impressionar uma garota, querem decidir o futuro do filho, procurando chantagear o mesmo com ameaças de deserdá-lo ou ainda não o considerarem mais como um filho.

Veja como é perfeitamente possível substituir os insetos por soviéticos, árabes, latinos, etc...

Podemos aí identificar 14 pares que ao se confrontarem compõem a narrativa Rico – Ibanez; Rico – Flores; Rico – professor/ comandante; Rico –pais; Rico – Denner; Ibanez – Flores; Ibanez – Denner; carreira – amor; dever – amor; guerra – paz; obrigação – liberdade de escolha; sonho – realidade; bem – mal; EUA – Eixo do mal.

Assim, a história transcorre de maneira típica. Rico, estudante apaixonado por Ibanez, quer ser um cidadão pois ela assim gostaria. Para isso ele confronta seus pais e se alista. No treinamento passa pelas mais duras provações, mas consegue se tornar líder de um pelotão. Sua felicidade é interrompida ao saber que Ibanez rompe o namoro para dar continuidade a sua carreira. Decepcionado, Rico acaba provocando acidentalmente a morte de um de seus homens, o que faz com que ele olhe para traz, e reveja seus valores. Rico decide então voltar para os braços dos pais, mas é pego de surpresa pela notícia de que um ataque dos insetos varreu Buenos Aires do mapa. Com um sentimento misto de vingança e patriotismo Rico decide ficar e ir a guerra para fazer com que os insetos paguem (este sentimento é idêntico ao que foi sentido durante o ataque terrorista do 11 de setembro). Na batalha, sofre a primeira derrota, onde é dado como morto, o que deixa Ibanez desolada. De volta a batalha, agora sob o comando de seu ex-professor e conselheiro, porta-se de maneira heróica, e acaba sendo promovido. Ibanez por sua vez também é promovida, e juntamente com o seu agora parceiro Denner, antigo desafeto de Rico devem ir ao campo de batalha. Rico, eufórico pela vitória toma Flores para si, em uma atitude que pode ser classificada como "se não posso ter o que quero, terei o que posso". Mais uma vez em batalha presencia a morte de seu comandante, e a de Flores, sendo derrotado mais uma vez bate em retirada e reencontra Carmem. O sentimento inicial renasce, e da motivação para que Rico, agora no comando da missão volte a batalha. Na batalha final os insetos matam Denner e capturam Ibanez, o que faz com que Rico vá a seu resgate. Após salvá-la do líder dos Insetos, o "Cérebro", Rico é salvo da morte por um de seus homens, que da a vida em troca da vida de seu comandante. No final, Rico e Ibanez ficam finalmente juntos e as tropas conseguem aprisionar o inseto "Cérebro", dando esperança de que a guerra poderá um dia terminar, e que a paz será restabelecida. Ou seja, no final o amor e a raça superior vencem.

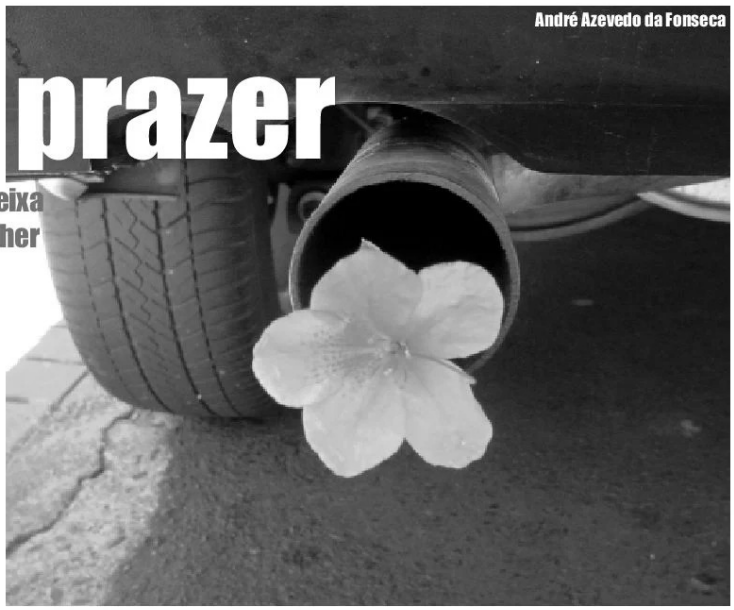
O filme retrata o belicismo norte americano, que quase sempre prefere resolver seus confrontos através da força

O filme retrata o belicismo do povo norte americano, que quase sempre prefere resolver seus confrontos através da força, sempre detendo a "razão", onde todos devem colocar o dever acima de tudo, onde só os que lutarem terma honra, e que finalmente no final sairão vencedores. Uma curiosidade do filme é que sua história é constantemente interrompida por boletins sobre a guerra e propagandas das forças armadas, retratando como a mídia pode ser utilizada como arma de guerra, formando opiniões, e conquistando assim, mais soldados para a causa.

issuu-downloader.com

Sexualidade

O taxímetro do prazer


André Azevedo da Fonseca

Caetano, taxista: devorador ou devorado? Episódio de novela deixa implícita a luta político-sexual em que se envereda a nova mulher

André Azevedo da Fonseca
4º período de Jornalismo

O episódio a seguir aconteceu em algumas cenas da telenovela *Mulheres Apaixonadas*, de autoria de Manoel Carlos, exibida pela TV Globo. Vale à pena uma breve reflexão sobre esse caso, pois ele diz alguma coisa sobre a luta político-sexual em que se envereda a nova mulher.

Caetano é um típico motorista de taxi – moreno, queixo quadrado, falador, camisa aberta, cheirando a suor e cigarro – casado com uma dedicada e maternal secretária de escola, Rosinha. Evidentemente, como é de se esperar de um personagem com este perfil, eis que o varonil garanhão não se contenta com o arroz-feijão de seu lar e arruma uma namoradinha extra para praticar com ela todas as safadezas que sua moral não permite fazer com a mulher – afinal, a cândida Rosinha é mãe de seu filho, quase santa. Deve ser até pecado fazer certas coisas.

A namoradinha, uma dedicada (e lindinha) empregada doméstica, não sabe que Caetano é casado. Ela trabalha na casa de Sílvia, uma dessas grã-finas que, entediadas com o pífio desempenho sexual e afetivo do marido, esbanjam a vida buscando outras formas de distração – shopping, cabeleireiro, etc.

Vamos espiar a doméstica pelo buraco da fechadura: Uau! E não é que, por baixo daquela prudência servil de assalariada, a morena fogosa é dessas que acendem labaredas de lascívia, capazes de ferver até à ebulição os fluidos de Caetano, o penetrador? Esses taxistas são demais mesmo! Tudo que um machão quer da vida: de um lado a mãe de seus filhos, e do outro uma namorada ingênua e gostosa.

Mas, voltemos algumas linhas… *grã-fina entediada com o marido?* Essa mulher é a síntese da dialética entre caça e caçadora, quer abater e ser abatida, devorar e ser devorada, urgentemente! Só de olhar para a cara dela, qualquer telespectador com pouca imaginação é capaz de imaginar as mil e uma sem-vergonhices que estremecem suas virilhas e sobem pelo corpo em arrepios desencadeando inconfessáveis fantasias eróticas com trabalhadores másculos, morenos, queixos quadrados, faladores, camisas abertas, cheirando à suor e cigarro… Só os bons modos seguravam a libido dessa mulher. Ela é pura potência erótica! A menor faísca de ignição seria capaz de detonar uma verdadeira erupção do motor de sua lascívia, levando o taxímetro de quem a conduzisse pelas avenidas do prazer a ultrapassar todos os dígitos da devassidão do orgasmo pleno e total!

Essa mulher é a síntese da dialética entre caça e caçadora, quer abater e ser abatida, devorar e ser devorada, urgentemente!

Corta a cena. Esqueçamos as outras duas, porque a madame tem algo importante a dizer. Vamos ao que interessa.

Na caixa de som do motel vagabundo, *La vie en rose*: clássico da música popular francesa, mas em uma versão meio bossa nova e cantada em inglês por algum devoto de Frank Sinatra (tipo de versão que só aparece mesmo em trilha de novela ou naquelas seleções fajutas de 'as melhores músicas do século' vendidas em conjuntos de CDs através de telemarketing.) "Vem, gostoso, vem me fazer ver estrela", diz a grã-fina Sílvia, peladona, mergulhada numa banheira de espumas, para o erétil taxista – um desfecho óbvio da química da sedução (tele)folhetinesca que deveria desembocar inevitavelmente no quatrilátero amoroso taxista-secretária-doméstica-grã-fina. "Se os homens fizessem com as esposas o que fazem com as amantes, não iam ter tanto chifre", diz Sílvia, a messalina; no que Caetano, o erótico, responde com uma careta de reprovação.

Assim, a frívola madame realiza um verdadeiro exame de toque retal em dois dos tabus ainda firmes no estereótipo do macho latino-americano: a idéia da "esposa imaculada" e o mito do "direito exlusivamente masculino ao orgasmo". Primeiro, põe uma pulga atrás da orelha do sequioso taxista: *será que a sua esposa, mal-amada como eu, é assim tão virtuosa quanto meu marido está certa que sou*?, diz sem dizer ao taxista que finge não entender direito. Se consideramos a transa de Sílvia e Caetano como um ato político, a primeira leitura, fundamentada naquele mito, levaria à conclusão precipitada de que o que ocorreu foi uma espécie de "revanche" ou "vingança" da classe trabalhadora que, através de um representante, levou a melhor sobre o patrão porque transou com sua mulher e meteu no capitalista-explorador-da-força-de-trabalho um vistoso par de chifres – humilhação suprema em uma cultura que preza, acima de tudo, a honra do varão. Assim, o trunfo de Caetano, o guloso, não é sexual – para saciar seus instintos, além de já ter garantidas as rotinas conjugais da esposa, contava ainda com os encantos extras e sempre disponíveis da namoradinha. Seu trunfo é sócio-político: *quem diria, eu, pé-rapado, papei a madame do bacana!*

No entanto, essa leitura se mostra defasada quando consideramos as transformações nas relações sociais entre os gêneros. A cultura do ardente amante latino-americano, vista através da ótica masculina, é fundamentada na idéia de que o penetrador (o homem) é o verdadeiro é único possuidor do objeto sexual (a mulher) e, portanto, o legítimo detentor do usufruto das delícias do sexo. A mulher é sempre compreendida como pouco mais que uma serva que conclui seu papel com o orgasmo do macho. As únicas damas com direito a manifestar (e supostamente obter) prazer eram as prostitutas. Mesmo assim, analisando com mais cuidado, esse prazer na verdade também era tido como duvidoso, pois o comum era atribuir a elas o 'fingimento do orgasmo' através de gemidos exagerados, ou então certo gozo masoquista de mulher que gosta de ser machucada, ou mesmo de apanhar – tudo em nome da satisfação do garanhão.

A frívola madame realiza um verdadeiro exame de toque retal em dois dos tabus ainda firmes no estereótipo do macho latino-americano

Mas Sílvia, a dissoluta, ao mesmo tempo em que era usada, usava; ao mesmo tempo em que era engolida, engolia. Em sua ótica, era ela quem devorava o amante e realizava suas fantasias sexuais. Assim, é possível elaborar uma segunda leitura: quem comandava, quem conduzia, quem usufruía de verdade as delícias do amor – *faça isso, faça aquilo, venha cá, quero mais* – confirmando a relação de dominação entre classes, era a grã-fina. Tudo aquilo, para ela, era exótico, uma novidade infinitamente deliciosa, uma transgressão que inspirava profundo senso de aventura e prazer – *eu, uma mulher fina, no motel com um taxista ralé? Inadmissível, impensável, só se estivesse doida varrida.* Foi um bom negócio: o prazer que recebia era estratosfericamente maior do que o prazer que ofertava. O taxista era um instrumento, um equipamento, um mero motorista sexual. É claro que ele gozava, mas uma gota em comparação à cachoeira orgástica da grã-fina; um tostão em relação a fortuna de prazer da madame alegre; uma migalha de seu banquete; uma moedinha nos lábios de seu caça-níquel.

Assim, inverte-se a situação e sobra para o garanhão o papel de coadjuvante, de um esforçado operário que tem o dever de, nas horas extras, executar mais um dos serviços que deveriam ser de incumbência do patrão: saciar a concupiscência da mulher, preencher seu tédio, distraí-la com uma atividade esportiva qualquer, cumprir os caprichos da patroa. Dessa forma, a figura da esposa fina e imaculada transforma-se em mulher destemida e desavergonhada, uma "caçadora de prazer", exigindo que Príapo se esforce em mil acrobacias eróticas para garantir a manutenção das labaredas da insaciável alazã. A revanche, portanto, é dela. E assim, parece susurrar aos telespectadores: *E agora machões? Digam aí quem é que come quem?*

Resta ver como as coisas vão se resolver nos próximos capítulos.

issuu-downloader.com

DIA DA INFÂNCIA

24 de agosto

Há um mundo bem melhor
todo feito para você
é um mundo pequenino
que a TERNURA fez ...

Permita que nossas crianças tenham
uma infância feliz, saudável e inesquecível...
Auxilie, Ensine, Ampare ...
com AMOR, RESPONSABILIDADE e HUMANISMO!

Desenhos de Michael e Tassiana Maloof

issuu-downloader.com